

A eterna volta à lira

Por *Jéssica Aline Ferreira Felix*

Enlace da lira

Aqui estou eu novamente,
minha amada poesia.
O objetivo é um só.
Volto pros teus sons e ritmos.
Peço-te que me recebas
depois de passar um tempo
de mãos dadas em um sonho
com a crônica e o romance.
Mas indo direto ao ponto:
tu és a origem de tudo.
Jamais eu me esqueci disso
e também de alguma forma
durante esses anos todos
tentei te achar pela música.
Por favor, me aceita logo.

Um beijo (roubado), Mauro

[Mauro Sta. Cecília (1962-), *A sombra do faquir*, 2014.]



Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2013), na antiguidade, a lira era um instrumento musical de cordas (em quantidade variável com o passar dos anos) em formato de “U”. Na mitologia grega, o instrumento era representado tocado por Apolo e Orfeu, soando melodias encantatórias, virando o símbolo mais evidente dos poetas. “De modo mais geral, é o símbolo e o instrumento da harmonia cósmica”, segundo *O Dicionário de Símbolos* (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2017). No poema escolhido, a lira é a própria poesia personificada: ela é amada, tem sons e ritmos, pode receber/aceitar de volta, ou não, o Mauro, o personagem-autor da petição.

A carta de 16 versos se resume a um pedido diante de um arrependimento: após a distância voluntária, de anos, da “amada poesia” (v.2), o eu lírico pede que a poesia o receba de volta, “pros teus sons e ritmos” (v.4), após passar um longo tempo junto a outros gêneros, como a crônica e o romance. Finda essa experiência de afastamento, Mauro se dá conta de que a poesia é a origem de tudo e que, mesmo tentando achá-la pela música, nada se compara a ela.

Pelo título do poema, a lira surge como uma espécie de “canto da sereia” positivo, que enlaça e encanta. Que o faz crer na poesia como começo de tudo, unidade única. Por mais que esteja distante, esse eu lírico sempre retornará pra essa origem, pra esse ponto central. Esse retorno é a consequência deste enlace da lira, que é a poesia. O destino de todo *eu lírico*, nesse sentido, é voltar para sua matriz mitológica, a *lira*, que o define enquanto tal.

Em termos de sonoridade, o poema possui curta duração, as acentuações (vírgula, ponto final, dois pontos) podem auxiliar no ritmo. A letra sugere um ciclo: terminando com “me aceita logo” (v.15), e considerando último verso uma assinatura, pode-se voltar ao “Aqui estou eu novamente” (v.1) como se o pedido fosse feito diversas vezes.

Tomo a “lira” aqui, desde que associada ao poeta, como um símbolo da poesia em si, conforme já citado. Ainda que pensemos na lira como um instrumento musical, quero retomar a ideia de sua forma em “U”. “U” de único, um, universo, unifocal, umbilical, unidade, uníssono, urgente... Palavras que me remetem a poesia em seu sentido mais amplo. A letra de música, a música, a canção tem em sua essência a poesia. Como fugir desse canto? Não tem como. Apenas nos deleitemos nessas cordas.

